

INSTRUÇÕES

1. Confira, abaixo, o seu número de inscrição, turma e nome. Assine no local indicado.
2. Aguarde autorização para abrir o caderno de prova. Antes de iniciar a resolução das questões, confira a numeração de todas as páginas.
3. A prova desta fase é composta de 5 questões discursivas de Compreensão e Produção de Textos.
4. As questões deverão ser resolvidas no caderno de prova e transcritas na folha de versão definitiva, que será distribuída pelo aplicador de prova no momento oportuno.
5. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos aplicadores de prova.
6. Ao receber a folha de versão definitiva, examine-a e verifique se o nome impresso nela corresponde ao seu. Caso haja qualquer irregularidade, comunique-a imediatamente ao aplicador de prova.
7. As respostas das questões devem ser transcritas **NA ÍNTEGRA** na folha de versão definitiva, com caneta preta.
Serão consideradas para correção apenas as respostas que constem na folha de versão definitiva.
8. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos eletrônicos ou não, inclusive relógio. O não cumprimento dessas exigências implicará a eliminação do candidato.
9. Os aparelhos celulares deverão ser desligados e colocados OBRIGATORIAMENTE no saco plástico. Caso essa exigência seja descumprida, o candidato será excluído do concurso.
10. O tempo de resolução das questões, incluindo o tempo de transcrição na folha de versão definitiva, é de 4 horas e 30 minutos.
11. Ao concluir a prova, permaneça em seu lugar e comunique ao aplicador de prova. Aguarde autorização para entregar o caderno de prova, a folha de versão definitiva e a ficha de identificação.

DURAÇÃO DESTA PROVA: 4 horas e 30 minutos

NÚMERO DE INSCRIÇÃO

TURMA

NOME DO CANDIDATO

ASSINATURA DO CANDIDATO

CÓDIGO

A partir da divulgação da lista de aprovados, os candidatos terão acesso ao seu desempenho individual no site do NC (www.nc.ufpr.br). Para obter essa informação, deverão ter à mão os seguintes dados:

nº de inscrição:

senha de acesso:

QUESTÃO DISCURSIVA 01

Leia o texto e o infográfico sobre as implicações da meia-entrada.

Os ingressos seriam mais baratos se não houvesse meia-entrada?

Quando a UNE conquistou para os estudantes o direito de pagar metade do preço nos eventos culturais, ainda na década de 1940, foi uma vitória. Mas o benefício acabou se tornando um fardo para quem paga inteira.

A conta é simples: o produtor sabe quanto quer ganhar e estima que 80% vão entrar pagando meia: cabe aos outros 20% cobrir o prejuízo. “Como a maioria paga metade, o preço tem que subir para a conta fechar”, diz Adhemar Oliveira, responsável pelos cinemas

Unibanco Arteplex. No teatro não é diferente. “Sempre calculamos antes quantos vão entrar pagando meia para depois definir o preço da inteira”, conta o diretor da Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais de São Paulo (Apetesp), Paulo Pélico.

As projeções abaixo mostram que, se a meia-entrada não existisse, o preço do ingresso inteiro cairia para quase metade. Com a diferença de que valeria oficialmente para todo mundo.

BARATO QUE SAI CARO Entenda como a meia-entrada torna os ingressos mais caros.



Escreva uma carta dirigida à seção “Cartas” da revista *Superinteressante*, manifestando sua opinião sobre a existência da meia-entrada. O seu texto deve, necessariamente:

- manifestar um ponto de vista em relação à questão tratada;
- retomar argumentos do infográfico para dar sustentação a sua opinião (você poderá reafirmar esses argumentos ou contrapor-se a eles);
- ter de 12 a 15 linhas.

Obs. A sua carta NÃO deverá ser assinada. Qualquer sinal de identificação invalida sua prova.

Sr. Editor,

Límite mínimo

QUESTÃO DISCURSIVA 02

Faça um resumo de até 10 linhas do texto a seguir.

Algumas das principais cidades espanholas, a partir do último mês de março, passaram a abrigar um experimento político e cultural que tem atraído interesse crescente de cientistas e filósofos políticos. Trata-se da ocupação permanente, por parte de multidões de jovens, de praças públicas, como a Plaza Del Sol (em Madri) e a Plaza de Catalunya (em Barcelona). Milhares de jovens passam a viver nas praças, organizam cozinhas coletivas, promovem seminários e grupos de discussão. Dançam, cantam e, certamente, namoram.

Duas ou três visitas à Plaza de Catalunya, como as que fiz em fins de maio, são suficientes para recolher as várias palavras de ordem ali audíveis, em meio à polifonia das urgências e ao ruído do incessante bater de panelas, latas ou coisa similar. Uma palavra de ordem, no entanto, parecia unificar o coro por vezes dissonante de reivindicações díspares: “por uma vida mais digna”.

Difícil associá-la a qualquer causa já conhecida. Não há vínculos partidários explícitos e, se calhar, implícitos. De algum modo, um sentimento de desterro em sua própria pátria releva dos semblantes juvenis. Será a dignidade de esquerda ou de direita? Ou seriam todos extremistas de centro?

Há quem explique a coisa pela gravidade da crise que atravessa o país. Com efeito, na Espanha, 43% dos jovens não conseguem entrar no assim chamado ‘mercado de trabalho’. O país, por certo, sempre conviveu com taxas mais elevadas de desemprego do que a média da União Europeia, fato compensado pelas políticas de proteção social, cujo lastro foi o crescimento econômico do país, décadas atrás. [...]

No entanto, não se trata apenas de risco de não emprego. Mais que isso, sinais eloquentes de descrença na política, na capacidade dos governos e nos mecanismos de representação aparecem por todo lado. O movimento de ocupação foi afetado pelas eleições municipais espanholas, ocorridas em 15 de março passado, nas quais se observaram imenso avanço da oposição conservadora ao governo socialista de José Luis Zapatero e um forte alheamento ao processo eleitoral, visível pelas altas taxas de abstenção. O mesmo componente repetiu-se, quase três meses mais tarde, em Portugal. Lá, os socialistas foram derrotados pela oposição conservadora, graças, em grande medida, à indiferença de eleitores – mais de metade do país –, que não percebiam qualquer diferença entre as propostas em disputa.

Muito se tem escrito, em vários países, a respeito da crise de representação política. Por toda parte, parlamentos e partidos parecem ter vida própria e se distinguem da massa dos eleitores, visitados e revisitados por ocasião das temporadas de captura de sufrágio, também conhecidas como ‘eleições’. [...] Um interesse a ser abrigado e lapidado pela ação de partidos políticos, cuja atribuição, além da disputa eleitoral pelo poder, deveria ser da organização de correntes de opinião, da educação política e da difusão da informação. Um cenário que muitos julgam já desfeito. Outros, ainda mais descrentes, duvidam mesmo de sua existência em qualquer tempo.

De qualquer modo, os jovens da Catalunha formularam, sob forma de queixa, seu próprio diagnóstico. Entre as muitas palavras de ordem, e além da exigência de vida digna, destacava-se essa pérola: “Basta de realidade, deem-nos promessas”.

(LESSA, Renato. “Promessas, não realidades”. CIÊNCIAHOJE, vol. 48, p. 88.)

Limite máximo

QUESTÃO DISCURSIVA 03

De tempos em tempos, podemos presenciar alguns movimentos sociais, que são frutos dos acontecimentos de sua época. O texto anterior fala de um deles: movimento impetrado por jovens espanhóis, frente a um mundo sem perspectivas. No quadro a seguir, elencamos alguns *slogans* desse movimento e, à direita, apresentamos outros “*slogans*” também de um movimento de jovens, só que datado de 1968, quando estudantes e operários na França escreviam essas frases em muros e cartazes espalhados por Paris. Irreverentes e provocadoras, de forte teor surrealista, as mensagens eram dirigidas não só ao poder, aos patrões e à polícia, mas também aos próprios estudantes e às instituições da esquerda tradicional.

Escreva um texto de 8 a 10 linhas, apresentando semelhanças ou diferenças entre os dois movimentos, que podem ser deduzidas dos *slogans*. Faça um recorte preciso, selecionando dois *slogans* de cada lado como base para a sua comparação. Recorra, se quiser, às informações do texto da questão 02.

Movimento dos jovens espanhóis – 2011

Por uma vida mais digna.
 Onde está a esquerda? No fundo à direita.
 Nossos sonhos não cabem nas urnas.
 Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir.
 Sem trabalho, sem casa, sem medo.
 Enganaram os avós, enganaram os filhos, que não
 enganem os netos.
 Nós somos o futuro, o capitalismo é passado.
 Todo poder às assembleias.
 Não há evolução sem revolução.
 O futuro começa agora.
 Continuas pensando que é uma utopia?

Movimento dos jovens franceses – 1968

É proibido proibir.
 Abaixo a sociedade de consumo.
 Abaixo o realismo socialista. Viva o surrealismo.
 Parem o mundo, eu quero descer.
 Proibido não colar cartazes.
 A humanidade só será feliz quando o último capitalista for
 enforcado com as tripas do último esquerdista.
 Eu participo. Tu participas. Ele participa. Nós participamos.
 Vós participais. Eles lucram.
 O patrão precisa de ti, tu não precisas dele.
 Fim da liberdade aos inimigos da liberdade.
 O sonho é realidade.
 Sejam realistas, exijam o impossível.

Limite mínimo

QUESTÃO DISCURSIVA 04

A seguir, apresentamos os parágrafos iniciais de um texto de Fernando Rodrigues publicado na *Folha de S. Paulo*, em 12/11/2011. Escreva uma continuidade para esse texto, observando as seguintes recomendações:

- ter de 6 a 8 linhas;
- apresentar uma articulação clara com os parágrafos iniciais;
- introduzir informações novas, que garantam a progressão no tratamento do tema;
- concluir o texto de forma coerente.

Uma lei imperfeita

O título deste texto é um pleonasma. Não há leis perfeitas. A Lei da Ficha Limpa é também cheia de qualidades e de defeitos.

O seu maior mérito é impedir a candidatura de quem já está condenado por uma instância colegiada, de mais de um juiz. O Supremo Tribunal Federal deu indicações de que aceitará como constitucional esse trecho. A regra terá um efeito profilático após algumas eleições.

Limite mínimo

QUESTÃO DISCURSIVA 05

Leia o texto abaixo.

Morreu Amy Winehouse e os moralistas de serviço já começaram a aparecer. Como abutres que são. Não há artigo, reportagem ou mero obituário que não fale de Winehouse com condescendência e piedade. Alguns, com tom professoral, falam dos riscos do álcool e da droga e dão o salto lógico, ou ilógico, para certas políticas públicas.

Amy Winehouse é, consoante o gosto, um argumento a favor da criminalização das drogas; ou, então, um argumento a favor de uma legalização controlada, com o drogado a ser visto como doente e encaminhado para a clínica respectiva. O sermão é hipócrita e, além disso, abusivo.

Começa por ser hipócrita porque este tom de lamentação e responsabilidade não existia quando Amy Winehouse estava viva e, digamos, ativa. Pelo contrário: quanto mais decadente, melhor; quanto mais drogada, melhor; quanto mais alcoolizada, melhor. Não havia jornal ou televisão que, confrontado com as imagens conhecidas de Winehouse em versão zombie, não derramasse admiração pela 'rebeldia' de Amy, disposta a viver até o limite.

Amy não era, como se lê agora, uma pobre alma afogada em drogas e bebida. Era alguém que criava as suas próprias regras, mostrando o dedo, ou coisa pior, para as decadentes instituições burguesas que a tentavam "civilizar". E quando o pai da cantora veio a público implorar para que parassem de comprar os seus discos – raciocínio do homem: era o excesso de dinheiro que alimentava o excesso de vícios – toda a gente riu e o circo seguiu em frente. Os moralistas de hoje são os mesmos que riram do moralista de ontem.

Mas o tom é abusivo porque questiono, sinceramente, se deve a sociedade impor limites à autodestruição de um ser humano. A pergunta é velha e John Stuart Mill, um dos grandes filósofos liberais do século 19, respondeu a ela de forma inultrapassável: se não há dano para terceiros, o indivíduo deve ser soberano nas suas ações e na consequência das suas ações. Bem dito. Mas não é preciso perder tempo com filosofias. Melhor ler as letras das canções de Amy Winehouse, onde está todo um programa: uma autodestruição consciente, que não tolera paternalismos de qualquer espécie.

O tema "Rehab", aliás, pode ser musicalmente nulo (opinião pessoal) mas é de uma honestidade libertária que chega a ser tocante: reabilitação para o vício? Não, não e não, diz ela. Três vezes não.

Respeito a atitude. E, lembrando um velho livro de Theodore Dalrymple sobre a natureza da adição (*Junk Medicine: Doctors, Lies and the Addiction Bureaucracy*), começa a ser hora de olhar para o consumidor de drogas como um agente autônomo, que optou autonomamente pelo seu vício particular – e, em muitos casos, pela sua destruição particular.

(PEREIRA COUTINHO, João. "Sermão ao Cadáver", www.folhaonline.com.br – acesso 25 jul 2011.)

A sociedade deve impor limites à autodestruição de um ser humano? Num texto de 10 a 12 linhas, discuta essa questão, ponderando a respeito da descriminalização das drogas. Seu texto deverá levar em consideração a argumentação de Coutinho.